



UMA REFLEXÃO SOBRE TEORIA E PRÁTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO DE MATEMÁTICA

Alexandre Marques Cruz¹
Hozana de Jesus Fernandes²
Tatiana Pinheiro da Cruz³

GT3 - Educação e Ciências Matemáticas, Naturais e Biológicas

RESUMO

Este texto resulta de uma experiência realizada no estágio supervisionado em ensino de Matemática, que objetiva refletir sobre teoria e prática. O período do estágio foi realizado pelos seguintes movimentos: observações de aulas da professora regente; planejamento e a regência de classe em vinte e quatro horas/aulas. A regência ocorreu em uma turma do 7º ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS), composta por 32 alunos. A reflexão baseia-se no entendimento adotado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores (BRASIL, 2002), em Pimenta (1995) e outros autores. Ao conhecermos a realidade escolar e o contato mais direto com os alunos, foi possível compreender a importância do estágio e quanto essa experiência nos possibilita tornar-se professores críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Ensino de Matemática. Estágio Supervisionado. Formação Docente.

ABSTRACT

This text is the result of an experiment in supervised teaching in Mathematics, which aims to reflect on theory and practice. The period of the internship was carried out by the following movements: observations of classes of the teacher regent; Planning and class regency in twenty-four hours / classes. The regency took place in a class of the 7th year of elementary school of the College of Application of the Federal University of Sergipe (CODAP / UFS). composed of 32 students. The reflection is based on the understanding adopted by the National Curriculum Guidelines for Teacher Training (BRASIL, 2002), in Pimenta (1995) and other authors. By knowing the school reality and the most direct contact with the students, it was possible to understand the importance of the internship and how much this experience enables us to become critical and reflective teachers.

Keywords: Mathematics Teaching. Supervised internship. Teacher Training.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – (PPGECIMA) na Universidade Federal de Sergipe – (UFS). Graduado em Licenciatura em Matemática pela UFS, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação – (FOPTIC). E-mail: alexandremarques14@hotmail.com.

² Graduação em Matemática Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe- (UFS), professora titular de Matemática - Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail: hozana.fernandes@nova.educacao.ba.gov.br.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – (PPGECIMA) na Universidade Federal de Sergipe – (UFS). Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela UFS, Especialista em Educação Ambiental, Especialização em Neuropsicopedagogia em educação Inclusiva. membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação – (FOPTIC). E-mail: tatiana.pinheiro@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

Neste texto, temos por objetivo refletir sobre a teoria e prática, a partir da execução do estágio supervisionado em ensino de Matemática realizado no segundo semestre de 2016, cuja regência ocorreu em uma turma do 7º ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Nessa turma, composta por 32 alunos, havia alunos *agitados*, mas também, participativos. As aulas foram desenvolvidas tanto em/na sala de aula quanto no laboratório de Matemática.

O estágio supervisionado, conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais, é o momento importante e fundamental para Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, já que é um dos componentes da dimensão prática dos cursos de graduação, sobretudo, licenciatura. No caso aqui retratado, vamos destacar a parceria entre a universidade e a escola, que se constitui em um momento da formação inicial para os futuros professores.

Esse é o momento que possibilita alinhar a teoria em relação aos conteúdos matemáticos e as metodologias possíveis de serem adotadas em aulas de Matemática da educação básica. O que coaduna com o pensamento de Pimenta (1995, p, 59), considerando “ser necessário que o Estágio Supervisionado possua uma unificação entre a teoria e a prática na formação de professores para a educação básica”.

Contudo, mesmo cientes da importância de articular teoria e prática, sabemos que não é difícil encontrar professores ainda persistentes nos cursos tradicionais, sem se importarem com as práticas ou até mesmo deixando para segundo plano. Ou seja:

Essa temática tem preocupado os educadores desde longa data, uma vez que tradicionalmente há uma cisão entre teoria e prática. E não tem sido raro professores e alunos clamarem por “mais prática”, uma vez que se consideram os cursos “muito teóricos”. As aspirações por “mais prática” frequentemente têm sido direcionadas às atividades de estágio. (PIMENTA, 1995, p. 59, aspas da autora).

Essa reflexão remete muitas vezes ao que vivenciamos em nosso curso. Alguns de nossos colegas, só chegam a ter contato com a realidade escolar a partir dos Estágios Supervisionados. No entanto, nossa experiência enquanto bolsistas de Programa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UFS, nos deu oportunidade de vivenciar a articulação da teoria e prática, antes mesmo de cursar disciplinas de Estágio. Mas, por outro lado, o curso também



oferece disciplinas da área de Educação Matemática que promove atividades com as quais vamos buscando entender como pode ocorrer essa articulação, observando-se as aplicações de conteúdos matemáticos na educação básica, conforme recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática – PCN-Matemática (BRASIL, 1998), por exemplo.

Ao cursarmos as disciplinas de Estágio Supervisionado no Ensino de Matemática (I, II e III), essas reflexões são retomadas por meio de leituras de textos, elaboração e aplicações de planos. Nesses planos, também utilizamos tendências metodológicas do ensino de Matemática, tais como: Resolução de Problemas, História da Matemática, Jogos, Recursos Manipuláveis. A partir de discussões com os colegas de estágio, vamos entendendo no percurso das disciplinas de Estágio que a aplicação dessas tendências favorece uma mobilização e desenvolvimento na aprendizagem matemática dos alunos, ao discutirem entre eles quais estratégias utilizam para a resolução das atividades, além de despertar curiosidades, investigações de suas tarefas e desafios. Ao constarmos durante a regência, percebemos o quanto essa prática contribui para a nossa formação docente.

Mas, para tanto, se faz necessário a realização do planejamento, antes de seguir com a regência nesse processo de formação do Estágio Supervisionado. Assim, no que se refere ao aspecto didático, entendemos que planejar é organizar ações, e no contexto do estágio, essas ações referem-se às aulas que serão ministradas. Ou seja, “uma vez que o planejamento facilita o trabalho tanto do professor como do aluno”, ele serve como uma organização das ideias e dos conteúdos que serão ministrados. (CASTRO, TUCUNDUVA e ARNS, 2008, p. 53).

A experiência de estágio, relatada neste texto, ocorreu como requisito parcial de avaliação das atividades de Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática II. Ela inicia anteriormente ao período de regência, pois, para além do planejamento conforme mencionado, existe uma preparação em termos de estudar os conteúdos e abordá-los com uso das metodologias já comentadas. Essa preparação ocorre durante as atividades de estágio, mas também é enriquecida com os estudos de outras disciplinas cursadas anterior aos Estágios. Além disso, também realizamos a observação das aulas da professora regente, as quais foram de fundamental importância para a elaboração de um projeto de intervenção e para a realização da regência.

Em vista disto, no decorrer do texto, apresentaremos os resultados e discussões que ocorreram no estágio, por meio das observações e da regência realizadas na turma do 7º



ano do ensino fundamental. Além de ressaltarmos a importância do professor regente para nossa formação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DURANTE O PERÍODO DE OBSERVAÇÕES E DA REGÊNCIA NA TURMA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Conforme mencionado, ficamos responsáveis por estagiar em uma turma do 7º ano do ensino fundamental do CODAP/UFS e antes de realizarmos a regência foram observadas oito aulas ministradas pela professora regente da turma, observando sua forma de conduzir as aulas; a participação dos alunos e quais conteúdos passaríamos a ministrar na etapa seguinte – regência de estágio.

A partir daí, tivemos os primeiros contatos com os alunos, conhecemos o ambiente, percebemos o comportamento da turma, os *grupinhos* na sala, os agitados, os quietos e os que não querem “*nada*” com a aula.

Em conversa com a referida professora, o conteúdo selecionado foi “Números Racionais e subdivisões de graus”. Logo após as observações, passamos a estudar o conteúdo e elaborar planos de aula, envolvendo atividades diferenciadas, com aplicação de diferentes abordagens metodológicas (resolução de problemas, história da matemática etc.).

Ainda nesse período de observações, foi aplicado um questionário para os alunos com o objetivo de conhecer suas características e qual/quais conteúdo (s) matemático(s) que mais gostavam e/ou apresentavam mais dificuldades. Esses dados são apresentados a seguir iniciando com a identificação da faixa etária dos alunos.

Tabela 1- **Faixa Etária dos Alunos**

IDADE	Nº DE ALUNOS
11 anos	05
12 anos	17
13 anos	05
14 anos	01
16 anos	01
Sem identificar a idade	02
Total de alunos participantes	32

Fonte: Dados coletados a partir do questionário aplicado no 7º ano B (2016).



Desses dados, os alunos da turma apresentavam três faixas de idade. A primeira, apresentando cinco deles em idade inferior à série/ano em estudo (11 anos); dezoito na idade adequada para esta série/ano conforme a legislação vigente (LDB N° 9394/96); e sete com idade/série defasada, pela idade acima de 12 anos. Apenas dois alunos não identificaram sua idade. Também constatamos que a maioria dos alunos era do sexo masculino (18 alunos), predominando também, os residentes em bairros da cidade de Aracaju SE.

Notamos que, embora fossem poucos os alunos *agitados*, as turmas como um todo faziam barulho, ao ponto de interferir no desenvolvimento das aulas. Havia um grupo que se mostrava *ativo*, no sentido de sanarem dúvidas, fazerem questionamentos, participarem com contribuições na lousa e ainda darem a devida importância às atividades solicitadas. Por outro lado, tinha o grupo dos alunos *passivos* às aulas, sem tirar dúvidas ou sem responder às atividades solicitadas.

Por meio do questionário, também buscamos saber desses alunos quais conteúdos mais gostam desta disciplina. Em suas respostas, mais de um conteúdo foi ressaltado por um mesmo aluno (tabela 02).

Tabela 2 - **Quais conteúdos de matemática você mais gosta? Por quê?**

CONTEÚDOS	ALUNOS
Números Inteiros	09 alunos
Fração	03 alunos
Números Romanos	02 alunos
Adição	02 alunos
Proporção	01 aluno
Potenciação	01 aluno
Radiciação	01 aluno
Números Decimais	01 aluno
Expressão Numérica	01 aluno
Equação do 1º Grau	01 aluno
PORCENTAGEM	02 alunos
Não souberam responder	07 alunos

Fonte: Dados coletados a partir do questionário aplicado no 7º ano B (2016).

De modo geral, nove alunos informaram “Números Inteiros”, como sendo o conteúdo matemático que mais gostavam. Entendemos que isso, talvez tenha ocorrido por ter sido o conteúdo abordado no período da observação das aulas. Fato que também nos chamou atenção, talvez por ter sido respostas de alunos repetentes na turma, foram 03 alunos que mencionaram gostar de fração, 02 alunos citaram equações do 1º grau e números decimais (conteúdos que ainda seriam abordados em unidades posteriores). Para justificarem suas respostas, destacamos:

Adição porque é fácil (A 11, 2016);

Positivo e negativo, acho que é um lado diferente da Matemática (A 12, 2016);

Fração, mais fácil (A4, 2016);

Nenhum, porque é complicado (A13, 2016).

Assim como nesses depoimentos, outros alunos destacaram mais como sendo “*todos os conteúdos são complicados*”. Isso nos fez verificar também em quais dos conteúdos eles informaram ter mais dificuldades:

Tabela 3 - Quais os conteúdos de matemática que você tem dificuldades em aprender?

CONTEUDOS	Nº ALUNOS
Fração	08 alunos
Números Inteiros	02 alunos
Equação do 1º Grau	02 alunos
Números Racionais	02 alunos
Porcentagem	02 alunos
Multiplicação	01 aluno
Radiciação	01 aluno
Não soube informar	01 aluno
Dificuldades em todos	05 alunos

Fonte: Dados coletados a partir do questionário aplicado no 7º ano B (2016).

Desses dados, verificamos que “Fração” foi o conteúdo apontado como mais difícil pela maior parte dos alunos. Vale ressaltar que como iríamos ministrar aulas sobre o conteúdo “Números Racionais”, o qual a fração faz parte, vimos que nosso compromisso, enquanto estagiários, seria pensar em atividades ou em aulas diferenciadas que fizessem sentido para a aprendizagem dos alunos, observando a contextualização e outras orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares de Matemática – (Brasil, 1998).

Outro aspecto que nos chamou atenção foram as justificativas apresentadas em relação às dificuldades que diziam possuir: “*Todos, eu nunca aprendo fácil matemática*” (A10, 2016); ou ainda “*Problemas em resolver, interpretar. Porque eu fico nervosa na hora prova e me dá um branco*” (sic, A8, 2016). Isso nos remete a questionar: Será que o problema em buscar o entendimento do conteúdo matemático está somente no aluno ou na maneira que os professores ensinam? Será que os alunos estudam em horários além do muro da escola para sanar suas dúvidas?

Ao ler as respostas do questionário, fomos comparando as justificativas dadas, como por exemplo, a aluna A8, embora informando em outra questão que gosta de Matemática, também respondeu apresentar dificuldades em resolver e interpretar problemas



matemáticos, principalmente na *hora da prova*, devido ao seu nervosismo. Durante as leituras e discussões que fazemos nas disciplinas de Estágio, percebemos ser esse um dos problemas presente tanto em Matemática, quanto em outras disciplinas. O estado emocional do aluno na hora da prova, resulta no esquecimento ou se atrapalhe no que está fazendo.

Dentre esses e outros aspectos observados, vimos o quanto esse contato inicial com a realidade escolar, no Estágio Supervisionado é importante. Passamos a conhecer os alunos, observar como eles agem e se comportam durante as aulas, além de identificar suas dificuldades em relação aos conteúdos matemáticos. Isso nos permitiu dialogar sobre ideais ou sugestões de atividades diferenciadas que poderíamos aplicar, conforme abordagem usada pela professora.

O período de regência ocorreu entre o trimestre setembro a novembro de 2016. Foram ministradas vinte e quatro aulas, sendo parte delas, aulas diferenciadas por meio de Jogos, Resolução de Problemas, Recursos Manipuláveis e notas históricas. Dentre essas aulas, houve explicação de conteúdo, aplicação de mini teste e da prova avaliativa.

Dentre as atividades diferenciadas, destacamos uma delas, apontando aspectos relevantes para nossa formação. A atividade foi a introdução do estudo aos Números Racionais Relativos. Iniciamos entregando a cada aluno, um texto com notas históricas sobre frações, realizando a leitura e discussão com a turma. No texto era informado como ocorriam as distribuições de terras realizadas pelos agricultores do Egito por volta de 3000 a. C. Para realizar as marcações e divisões dos terrenos faziam usos de cordas com nós que representavam unidades de medidas.

A leitura do texto teve o objetivo de os alunos compreenderem que, assim como os números naturais e inteiros relativos, os Números Racionais surgiram para suprir necessidades dos seres humanos. Após a leitura, também mostramos com outros recursos como povos antigos faziam medidas.

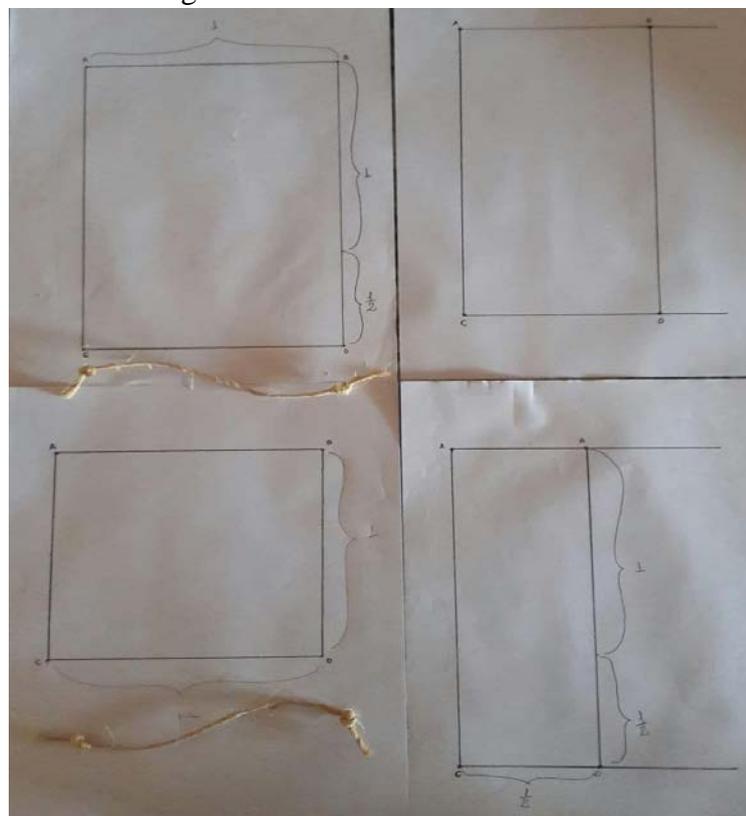
Ainda na mesma aula, usamos cartolina (que tinha um retângulo representando a ideia de um terreno) e barbante (instrumento de medida), para os alunos melhor compreenderem como as unidades medidas de comprimento são divididas em partes iguais.

Apresentamos à turma e perguntamos: Quanto mede cada lado do terreno? Eles mostraram-se pensativos antes de responderem. Mas, quando questionados sobre como sugerem para medir os lados, logo mencionaram o barbante. Com isso, explicamos sobre as

medidas de cada lado do terreno com uso do barbante o qual representamos com uma unidade de medida.

Notamos que ficaram em silêncio e atentos à explicação. Após tomada a medida de um dos lados, alguns alunos mencionaram que seria a mesma medida do lado paralelo, justificando a propriedade do retângulo. Na imagem que segue é mostrado os materiais utilizados na atividade com suas devidas respostas, sendo estes um quadrado e três retângulos (simulando terrenos) e o barbante que representava uma unidade de medida, utilizado para representar as unidades de medida de cada terreno.

Figura 2 - Materiais da Atividade



Fonte: Arquivo do autor.

A utilização de materiais em aulas de matemática pode facilitar aprendizagem do aluno, já que a partir de manipulações ele pode chegar à construção do conceito matemático desejado, criar hipóteses nas discussões em grupos, tornando-se ativo no processo de ensino-aprendizagem. Como afirma Mendes (2008, p. 11):

O uso de materiais concretos no ensino da Matemática é uma ampla metodologia de ensino que contribui para a realização de intervenções do professor na sala de aula durante o semestre todo. Os materiais são usados em atividades que o próprio aluno, geralmente trabalhando em grupos pequenos, desenvolve na sala de aula. Estas atividades têm uma estrutura matemática a ser redescoberta pelo aluno que, assim, se torna um agente ativo na construção do seu próprio conhecimento matemático.

Em seguida, pedimos para que eles formassem duplas e entregamos a representação de outro terreno para efetuarem o mesmo procedimento que realizamos na lousa, desta vez, registrando os valores das medidas de cada lado respectivo. Como os lados do primeiro “terreno” mediam uma unidade de comprimento, os alunos não tiveram dificuldades e logo finalizaram esta etapa. Então, pedimos que um deles fosse à frente da turma para explicar aos demais colegas, o processo pelo qual realizou as medidas do lado de seu “terreno”. Muitos alunos queriam ir, explicamos que somente um bastava e escolhemos um que estava mais próximo à lousa.

Finalizada a primeira etapa, entregamos outra representação de “terreno”, com diferentes medidas. Nesse novo problema, alguns alunos responderam rapidamente e outros tiveram dificuldades, podendo serem identificadas respostas como:

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{2} + \frac{1}{2}, \quad \frac{1}{3} + \frac{1}{3} + \frac{1}{3} \text{ e } 1,5$$

A estratégia utilizada pelo aluno que informou em suas repostas a soma das frações $\frac{1}{2} + \frac{1}{2} + \frac{11}{22} + \frac{1}{2} + \frac{1}{2}$ que foi medida por ele com o auxílio do barbante sobre o maior lado do “terreno”, em que nesse caso, a soma da medida desse lado do “terreno” seria de $\frac{33}{22}$, podendo também ser representando por 1,5. Para chegar em sua resposta, esse aluno dobrou o barbante (que equivale a uma unidade de medida) ao meio e dessa forma obteve por valor numérico de $\frac{11}{22}$, com esse cordão dobrado, ele utilizou sua medida três vezes, podendo ser formado dessa maneira a soma do valor desejado $\frac{1}{2} + \frac{1}{2} + \frac{1}{2} = \frac{31}{22} + \frac{1}{2} + \frac{1}{2} = \frac{3}{2}$.

Já por exemplo, o aluno que mencionou em sua resposta a medida de 1,5, também esteve relacionado com a medida do maior lado do “terreno”, ele ao saber que o barbante possuía uma unidade de medida, ao dobrá-lo ao meio, logo associou essa medida por sua metade, ou seja, 0,5, dessa forma realizou toda a medida desse lado por meio dessa dobra. Com isso, ele ficou com três medidas de 0,5 e ao somar intuitivamente chegou ao resultado de



1,5. Para a verificação das respostas dos alunos, fizemos uso de slides, ilustrando a representação do “terreno” (retângulo) com suas medidas nos lados respectivos.

Encerrada esta etapa da atividade, explicamos que nem sempre, as medidas do terreno, representavam unidades de comprimentos inteiras, mas poderiam ser representadas de outras formas. Assim, questionamos aos alunos se conheciam a denominação dos números que representavam aquelas medidas do “terreno”, como forma de que recordam que estávamos tratando de frações.

Em seguida, questionamos se as frações pertenciam a algum conjunto numérico que eles conheciam, pelo fato de já terem estudado o conjunto dos Números Naturais e dos Números Inteiros Relativos. Houve alunos respondendo que pertenciam aos inteiros, mas explicamos que não seria o caso, pois, a partir dessas medidas não exatas, surgiu a necessidade de definir um novo conjunto de números, a saber: o conjunto dos Números Racionais Relativos.

Ressaltamos que o uso da nota histórica com o auxílio de recursos manipuláveis contribuiu para a compreensão dos alunos, pois ao movimentar e manipular os recursos manipuláveis tornaram-se ativos no seu próprio conhecimento matemático. Quando usamos situações que envolvem a história de conteúdos matemáticos, oportunizar aos alunos não somente a conhecer como eram realizados os cálculos antigamente, mas compreenderem que Números Racionais não surgiram do nada. Muitos conteúdos matemáticos surgem por meio de situações necessárias para resolver problemas da época, como esses números, que surgiram da necessidade de particionar terrenos. Nesse caso, os números inteiros não eram suficientes para resolver todos os problemas.

Outro fato relevante no Estágio Supervisionado é a importância do professor regente, ou seja, o professor que dispõe sua sala de aula para os estagiários. Em relação a isto, a nossa professora regente foi de grande importância durante o período do estágio. Ela nos auxiliou no decorrer do processo, tanto no período de planejamento e elaboração dos planos de aula, como durante a regência, realizando intervenções sempre que necessário, para conter o barulho nas aulas e ajudar com correções ou contribuições em relação ao conteúdo que estávamos abordando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A experiência de estágio, aqui relatada, confirma que o estágio é de fundamental importância para a formação profissional do licenciando em Matemática. Também destacamos que os aspectos teóricos e metodológicos estudados em outras disciplinas do curso Licenciatura Matemática, anteriormente aos estágios, são indispensáveis. Por meio desses estudos, entendemos que há possibilidades de articular teoria e prática nos cursos de formação docente. É na formação inicial que nos preparamos a ser professores de Matemática e, conhecer a realidade escolar, ter contato com os alunos antes mesmo da regência, nos possibilita compreender o que nos ensina a teoria, refletir sobre o comportamento dos alunos, suas dificuldades, com isso, nos tornando professores mais críticos e reflexivos.

Ressaltamos também a relevância das disciplinas de estágios I, II e III sobre as abordagens e discussões acerca de diferentes metodologias, ou seja, da resolução de problemas, tecnologias da informação e comunicação, jogos e materiais concretos etc. Para que ocorra um ensino-aprendizagem da Matemática para os alunos de forma mais significativa e participativa, no tocante, a ser o agente ativo do processo de aprendizagem dos conceitos matemáticos. No caso aqui, ressaltamos a experiência e convivência que tivemos com o auxílio da história da matemática e dos materiais concretos durante o desenvolvimento da atividade matemática relatada neste texto.

Podemos salientar que a atividade relatada neste texto foi de grande importância para a aprendizagem dos alunos, de forma que eles por meio dela, tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre a história da matemática, em particular do surgimento das frações, e perceber que a matemática não surgiu do nada, mas sim de ocasiões com por exemplo a mencionada neste estudo. Além disso, com o auxílio do barbante, eles tiveram a oportunidade de dobrar, uma, duas ou quantas vezes conseguissem para utilizar nas medidas dos lados do “terreno”/retângulo que lhes foi dado, no qual a partir disso, também tiveram a oportunidade de agirem por estimativa para encontrar suas soluções, as quais tiveram diferentes tipos de estratégias que foram realizadas por eles, em que algumas foram apresentadas e discutidas por alguns deles, explicando-as para toda a turma.



REFERÊNCIAS

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (2002). Resolução CNE/CP01/2002 **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: CNE, 2002.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Matemática. 5^a. a 8^a. séries. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília-DF: MEC/SEB/SEF. 1998.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9394/96. Brasília: 1996.

CASTRO, Patrícia Aparecida Pereira Penkal de; TUCUNDUNVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. A importância do planejamento das aulas para a organização do trabalho do professor em sua prática docente. **ATHENA. Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008.

MENDES, Iran Abreu. **Tendências metodológicas no ensino de matemática**. Belém-Pará: UFPA, 2008 (EDUC/MAT, v.41).

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: Unidade entre teoria e prática?** São Paulo, p. 58 – 73, 1995.